

# JUDAS AHSVERUS E A SOCIEDADE ESQUECIDA

Aline D' Paula Miranda Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar o conto de Euclides da Cunha intitulado: "Judas Ahsverus" sob a ótica social, colocando em destaque a descomunal contradição da sociedade da Amazônia no período do ciclo da borracha, que composta por burgueses e coronéis de barranco, viviam de forma dispendiosa, cheios de luxo e ostentação. Enquanto os seringueiros viviam em uma grande prisão, esquecidos na floresta, doentes e em solidão.

**Palavras-chave:** ciclo da borracha; coronéis de barranco; seringueiro; ostentação; exploração.

## Introdução

Em todo o tempo de existência do povo amazônico, certamente, pode-se afirmar que um dos mais contraditórios e reversos seria "o ciclo da borracha". A contradição existente na vivência dos coronéis de barranco e de todo o restante dos que compunham a sociedade da época, em comparação à experiência vivida pelos seringueiros, revelam a incoerência existente no modo de vida e no discurso de muitos daquela época.

O "período do ciclo da Borracha" foi um tempo em que o extrativismo do látex ganhou grandes proporções, gerando lucros altíssimos aos donos de seringais. Também proporcionou ao povo amazonense uma nova visão e estilo de vida, na qual o luxo e a ostentação tornaram-se palavras de regra na cidade. Sendo o principal protagonista da história o "coronel de barranco" e "o seringueiro" um expectador, representando este a maior parte da mão-de-obra trazida para trabalhar nos seringais, povo que fugia da seca do Nordeste. E aquele, o dono dos seringais, homem sem muita cultura ou estudo, mas

---

<sup>1</sup> Formada em Letras Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM. Atualmente, além de participar do grupo de pesquisa GREMPLEXA, estou me especializando em Literatura Brasileira pelo Instituto Cultus da Favani. *E-mail:* [adpmlira@gmail.com](mailto:adpmlira@gmail.com)

que de alguma maneira ascendeu socialmente, sendo denominado de coronel, mesmo sem ter nenhum título.

O objetivo deste artigo é de explicitar as incoerências nas vidas dos burgueses amazonenses e apresentar a antagônica coexistência entre as "sociedade da borracha e do seringal", revelando a verdadeira natureza do sofrimento de pessoas que foram exploradas, exauridas até a última gota de suor e sangue em prol de uma sociedade arrivista.

## **1 MANAUS: A CIDADE DA OSTENTAÇÃO**

Manaus, antes do apogeu do ciclo da borracha era uma cidade simples, habitada em sua maioria por pessoas sem muita instrução, mestiços, caboclos e também portugueses. Mas, uma nova era estava por vir com a criação da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas e a abertura do rio Amazonas ao mercado dos outros países, foi este o grande impulso para o crescimento da coleta e comercialização da borracha.

Souza (2010) comenta a fala interessante do casal Agassiz, onde pode-se notar o tom de ridicularização ao referir-se aos prédios públicos de Manaus, em 1865, quando a extração do látex ainda não tinha chegado ao seu apogeu. Segundo eles a cidade era apenas um amontoado de casas prestes a cair.

Com o crescimento dos lucros advindos da extração do látex, a cidade de Manaus, outrora pacata e sem muitos recursos financeiros, torna-se um centro cosmopolita, recebendo gente de todos os lugares do mundo, transformando-se em uma cidade rica e bela, cenário para um *vaudeville*, segundo Márcio Souza (2010).

É então quando "*Belle époque*", passa a ser utilizado para definir o momento vivido em Manaus. Este termo não foi escolhido por acaso, pois é um termo europeu utilizado para expressar uma fase de vida cheia de transformações culturais e forma de viver e pensar na Europa do século XIX. Neste período, a burguesia deixa para trás o passado para viver uma revolução, tal como a Europa. Abandonando seus antigos costumes e mesmo sua própria identidade, adequando-se aos ditames do europeísmo (BENCHIMOL, 2009; BATISTA, 2003).

Contudo, a elite da borracha abandonou o que considerava "um passado bárbaro e não histórico", permanecendo com as tendências dominadoras que corriam em suas veias. Tendências estas que herdaram da sociedade patriarcal de seus colonizadores e antecessores, os mesmos que se encontravam no passado que fora abandonado.

Receberam como legado um alto padrão de moral, no qual os homens casavam-se com moças virgens em uma igreja, depois tornavam-se chefes da família. As suas mulheres jamais poderiam ser vistas em situações que gerassem dúvidas ou causasse má impressão. Eram extremamente religiosos e cavalheiros, não se ouvia entre eles palavras frívolas e de baixo calão.

Mas, esta era a imagem que se podia ver apenas na superfície da Sociedade da *Belle Époque*. Pois, ao mergulhar na profundidade destes costumes ditos corretos, podia-se encontrar a podridão de práticas imorais e corruptas, que não condiziam com o seu discurso. A verdade é que a sociedade amazonense se tornou um espetáculo ridículo de hipocrisia, incoerência e contradições.

Souza (2010, p. 115):

Olhando as fotografias da época, eles parecem altissonantes e respeitáveis. Puro engano, essas fotografias nos mostram apenas o lado lusitano e enfadonho. Agrupados, penteados, sérios, em roupas de festa, cercados pelas esposas e filhos, estão empacotados por um cerimonial falso, que o primeiro jornal da época logo desmente. Por pura conveniência é esta a imagem que temos daqueles anos nada livres das doenças venéreas.

A contradição entre o moralismo e a libertinagem dos burgueses era muito comum. Basta observar o quanto os bordéis cresceram e fizeram sucesso no Amazonas durante o “ciclo da Borracha”. Márcio Souza (2010, p.115), no excerto acima, cita os anos “nada livres de doenças venéreas”, o que se vê aqui são incoerências nos discursos de pessoas que se diziam íntegras, essa atitude tornou-se base para a formação dessa nova sociedade, revelando muito sobre os seus costumes e caráter.

Souza (2009, p. 265), afirma que “Euclides da Cunha foi um pioneiro ao anunciar essa estrutura aberrante”, ao mesmo tempo em que tinham horror pelo passado e buscavam a modernidade, a sociedade da Borracha se mantinha presa ao passado, perpetuando suas raízes dominadoras e arrivistas, o que os levou a perder “a sua própria identidade”. Assim, os costumes mudaram, os governantes buscavam modernidade, progresso e bem-estar, desfrutando das delícias que a riqueza da borracha lhes podia proporcionar, mas ao que diz respeito ao caráter dominador, arrivista, imoral e libertino, nada mudou.

Além disso, os costumes coloniais se foram juntos com os costumes de uma vida tranquila. O cotidiano era um eterno festival. Para as damas, existiam inúmeras lojas com nomes parisienses, vendendo roupas de tecidos importados, à moda europeia, estas mesmas roupas nem poderiam ser lavadas com as águas “escuras” do Rio Negro. E para os cavalheiros, existiam bordéis com toda a sorte de mulheres disponíveis para oferecer

aos barões os melhores tipos de diversões, coisas que suas esposas respeitáveis jamais praticariam. Também a seus filhos era proporcionado benefícios, a eles a melhor educação.

Não apenas Márcio Souza (2010), como também Leandro Tocantins (1982) aborda na obra *Amazônia: natureza, homem e tempo*, o “progresso” e bem-estar, quando se refere à burguesia amazonense durante o “ciclo da borracha”. Consoante Tocantins (1982), a chamada "civilização da borracha" trabalhou e se empenhou em busca do bem-estar e de elevar o padrão de vida, afinal era este o objetivo.

Como resultado, Manaus tornou-se opulenta, grande. Em cada esquina podia-se notar um gringo que se encantava com o *glamour* social e a riqueza das exuberantes construções. Tocantins (1982) relata o encantamento de Auguste Plane ao observar as construções maravilhosas da cidade, entre elas o Teatro Amazonas.

Contudo, questionamentos são levantados sobre tanta ostentação e estilo de vida. A quem era destinado as regalias e luxos do “ciclo da borracha”? Quem merecia os aplausos de tanto progresso e fortuna? Onde estava a força trabalhadora que coletava o látex? E o que eles recebiam como gratificação por participar deste processo?

Tocantins (1982, p. 134) afirma o seguinte:

Mas, esse bem-estar paradoxalmente em nada atingiu às grandes parcelas humanas que foram o esteio da marcha acelerada ao verde (em busca do leite cor de âmbar), verde que lhes atingia de esperanças os passos do Nordeste à Amazônia. A engrenagem econômica e social, peculiar à época da exploração do homem pelo homem, impunha ditatorialmente suas regras.

Os barões de barranco e o restante dos burgueses e comerciantes eram os únicos beneficiados neste processo. Os aplausos lhes eram oferecidos por tudo em que a cidade de Manaus se tornou, mesmo que não o merecessem. Enquanto a enorme força trabalhadora que veio em grande parte do nordeste, era explorada e esquecida na selva amazônica. Eles receberam em troca: mentiras, enganação, exploração, torturas, doenças, dor da solidão e morte. Este foi o preço pago para que Manaus se tornasse a famosa “Paris dos Trópicos”.

## **2 SERINGAL: UMA SOCIEDADE ESQUECIDA**

Nos meados de 1877 houve uma grande seca no Nordeste, foi neste período que se iniciaram as migrações de sertanejos para a Amazônia. Esta seca coincidiu com o

surgimento do “Ciclo da borracha”, e com as notícias de que este novo mercado era promissor e tinha alta potencialidade, muitos homens jovens, e mesmo os pais de família, arriscaram-se nesta empreitada. Neste período, alguns donos de seringais viajavam ao Nordeste com intuito de recrutar força de trabalho para seus seringais. Um dos principais argumentos dos coronéis era a possibilidade de ganhos altíssimos e as chances de enriquecer, que, teoricamente, eram sem limites.

Além disso, tendo a seca e a miséria como realidade de vida, os nordestinos ficaram esperançosos de poderem finalmente desfrutar de uma vida melhor. Mas que triste engano, pois, ao deixarem sua terra natal em busca de riquezas, encontraram a escravidão. Na floresta amazônica existia, sim, muita riqueza, entretanto não era para o trabalhador, mas para o seu patrão.

Tocantins (1982, p. 104):

Nada mais pungente do que a sorte de milhares de nordestinos seduzidos pela realidade traiçoeira de uma fortuna que existia, sim, naqueles profundos verdes – o verde nosso de cada hora – onde a vida era dada por inteira à floresta. Holocausto ao leite branco, espécie de licor maldito, porém sofregamente desejado, enchendo o cálice de quem o procurava, sorvido até a última gota, algumas vezes fatal.

Os nordestinos foram seduzidos pela notícia verídica de uma riqueza existente na floresta, mas foram ludibriados quanto ao trabalho que exerceriam e ao quanto se beneficiariam do resultado de seus esforços. Entretanto, o aumento expressivo da demanda da borracha para uso industrial estava de fato a exigir o povoamento das estradas de seringa (LOUREIRO, 1985; DIAS, 1999; TOCANTINS, 2000; SOUZA, 2003).

Por outro lado, o ciclo de industrialização da borracha gerou muito dinheiro, mas este não foi distribuído, segundo Tocantins (1982), entre a massa popular. Tinha-se uma grande riqueza que foi direcionada às mãos das classes privilegiadas e não àquela classe pobre, esquecida nos seringais. Ao passo que a cidade crescia em riqueza, conforto, bem estar e ostentação, lá no mais profundo da floresta, surgia outra sociedade que, mergulhada no esquecimento, vivia isolada, sem desfrutar do tal bem-estar existente na cidade.

O seringueiro jamais imaginaria que ele e muitos outros dariam início a uma nova sociedade. E que esta sociedade surgiria de forma tão improvisada. Ah, se ele pudesse saber que sua aventura resultaria em mourejar em um lugar sem saída, nas paragens dos rios da Amazônia! Assim, ao chegar no seringal e conhecer a realidade daquele lugar, o

seringueiro "presente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira". Esta é sua sina, viver em um lugar cujas principais características são: trabalho forçado, miséria e solidão.

Euclides da Cunha (2003, p. 339):

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades numa faina dispersiva (...) (...) Contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente – sem destino, sem tradições e sem esperanças – num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as estradas tristonhas dos seringais (...).

O triste homem tem seu destino selado a partir do momento que adentra o seringal e se dá conta de que fora enganado e iludido. Agora perdera sua liberdade, o benefício de interagir com outros e desfrutar de relacionamentos. Ele é condenado a viver na solidão. De certo, esta condenação é um dos piores castigos que se poderia receber.

Na sociedade do seringal, mulheres eram um item de luxo, um bem muito caro, que apenas os coronéis podiam ter. Mas isso também se pode notar entre a burguesia. Souza (2010, p. 108) diz que: "a sociedade do látex tornar-se-ia numa sociedade falocrata que daria a mulher uma utilização tão aberrante quanto a forma de explorar a força de trabalho do seringueiro".

Quão importante é perceber as características e costumes que são impostos pelos coronéis aos homens dentro do seringal. A que ponto deploráveis eles chegaram, não por escolha ou por vontade própria, mas pelas circunstâncias em que se encontravam.

Para aquela sociedade "obscura e abandonada", não existiam leis de amparo e nem de direitos. Naquele lugar os coronéis eram a lei, eram deuses. Todavia, Euclides da Cunha em sua expedição pela Amazônia, "anuncia a estrutura aberrante" em que viviam aqueles trabalhadores. Além disso, fez uma descrição magnífica do seringueiro.

Souza (2010, p.109):

Euclides da Cunha redescobre o seringueiro explorado: "(...) são admiráveis. Vimo-los de perto, conversamo-los. (...) Considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças, ou a beleza moral das almas varonis que derrotam o deserto.

Quanta humanidade em uma declaração tão simples! Euclides foi um pioneiro ao denunciar as barbáries sofridas nos seringais. E por causa da crítica feita, diz Souza (2010), os coronéis o consideraram um pobre demente.

Sem dúvida os valores daquela época foram completamente distorcidos. Era loucura achar que os miseráveis explorados eram humanos e tinham direitos. Mas viver uma vida dupla, cheia de luxo e prazer às custas da exploração de inocentes, isso era ser são.

Logo, entre a sociedade burguesa e a do seringal pode-se notar uma terrível contradição. Duas sociedades coexistentes, mas que eram tão distintas. Uma desfrutava a completa satisfação de viver em família, entre amigos, usufruindo plena bonança, a outra subsistia na miséria e completa solidão.

### 3 JUDAS AHSVERUS: O SERIGUEIRO AMAZÔNICO.

O autor Euclides da Cunha foi muito feliz na comparação que fizera do pobre seringueiro com Sísifo, um personagem mitológico que fora castigado pelos deuses a rolar uma pedra montanha acima, sempre rolando novamente para baixo com o seu peso, esforçando-se para sempre em um trabalho inútil. Assim permanecia o sertanejo em sua labuta. Para ele era inútil, pois nunca poderia desfrutar dos resultados, sendo semelhante ao personagem que viveu a eternidade em inutilidade.

Souza (2010, p. 136):

Nesta empresa de Sísifo – escreve Euclides da Cunha –, a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – partindo, chegando e partindo – nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos – se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe com a inteligência atrofiada, todas as esperanças e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arreentaram aquele lance, à ventura, em busca de fortuna.

Em “Judas-Ahsverus”, Euclides descreve de forma poética a sina do pobre seringueiro, que com a liberdade roubada vivia cativo em uma prisão sem paredes, percorrendo por estradas que sempre o levavam de volta ao começo, ficando emaranhado em esforços sem recompensa, estradas sem saída e esperanças perdidas.

Mas é em um “Sábado de Aleluia” que os sertanejos se vingam de toda a tristeza vivida por eles ali. Neste dia, eles cessam suas atividades e dedicam-se à fabricação de um boneco, este representa o grande traidor de Jesus Cristo. Euclides descreve com riqueza de detalhes a devoção com que Judas é confeccionado. O empenho vertido nesta

tarefa era admirável, mas há que se considerar que naquelas paragens tudo o que fugia da rotina monótona e repetitiva tornava-se um grande atrativo, especialmente para as crianças que acompanhavam bem de perto a obra de seu pai.

A cerimônia de malhar o boneco acontece segundo a tradição cristã, no sábado, mas eles não desfrutam do todo como manda o costume, pois para eles, a semana corre como em todas as outras, tudo igual e repetido. Euclides da Cunha (2003, p. 117):

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a Semana Santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.

Para o seringueiro não era possível desfrutar do "luxo das procissões", muito menos do "lava-pés tocante". Pois até mesmo assuntos de cunho religioso no seringal, jamais poderiam igualar-se ao *glamour* da cidade. Para eles, o permitido, o possível, era separar um pouco de palha, uns tecidos velhos, quem sabe uma muda de roupa e improvisar um tal Judas para castigar.

Para aquela gente, o importante era produzir esse boneco, pois ele representava a sua caricatura. Por isso, no sábado de aleluia eles afogavam suas mágoas e se limpavam de seus pecados. Ao castigar Judas, faziam-no a si próprios. O sertanejo sente-se culpado por ter sido tão ambicioso e ido em busca de riqueza. Que culpa há em buscar uma vida melhor? Pobre sertanejo, que foi vítima de traficantes, que o enganaram prometendo prosperidade. Quanta culpa ele sentia e queria os castigos em si mesmo aplicar. No entanto, no conto, ele escolhe outro caminho, escolhe não reclamar.

Euclides da Cunha (2003, p. 119):

Não lhe vale à pena penitenciar-se, o que é um meio cauteloso de rebelar-se, reclamando uma promoção na escala indefinida de bem-aventurança. Há concorrentes mais felizes, mais bem protegidos, mais numerosos, e, o que lhes figura mais eficaz, mais vistos, nas capelas, nas igrejas, e nas catedrais ricas onde se estadeia o fausto do sofrimento uniformizado de preto, ou fugindo na irradiação de lágrimas, e galhardeando tristezas (...).

Ao pobre exilado, o que restava era seguir calado, aceitando sua sina, usando como única forma de escape o "emissário sinistro" que a igreja lhe dá. O Judas, que ao sofrer as penitências o representa, e ao ser jogado no rio leva com ele a culpa do pecado da ambição. Afinal, deus está muito ocupado atendendo orações e cuidando de pessoas

muito mais importantes! Pessoas que estão nas igrejas luxuosas das cidades, que são mais vistas. Pois ali, no mais profundo da floresta, ninguém o podia ver ou ouvir, nem mesmo deus.

Cunha (2003, p. 119):

Além disso, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, manietado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem, e esse pecado é seu próprio castigo, transmutando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhes resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua (...).

Então o homem escravo, segue em sua tarefa, customiza Judas à sua imagem e semelhança, dedica-se ao máximo para que todos os seus traços estejam ali presentes. Mas Judas representa muito bem o seringueiro, sendo aquele que padece no decorrer dos séculos, pois cometera o pior dos pecados traindo Jesus. Assim, o sertanejo se sentia, como quem cometera um pecado terrível e agora iria pagar pelo resto de sua vida.

Efetivamente, muitos sertanejos pagaram com a vida a escolha que fizeram. Seu castigo, foi mourejar em trabalhos intermináveis, sobreviver em miséria, andando pelos caminhos da floresta que não o levavam a lugar algum, sem esperança ou perspectiva de um futuro melhor, morriam na solidão, invisíveis em uma sociedade esquecida.

## Referências

- BATISTA, D. *Amazônia – cultura e sociedade*. Manaus: Valer; EDUA, 2003.
- BENCHIMOL, S. *Amazônia, formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- CUNHA, E. da. *Amazônia – um paraíso perdido*. Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas; EDUA, 2003.
- DIAS, E. M. *A Ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LOUREIRO, A. J. S. *A Grande crise*. Manaus: T Loureiro & Cia, 1985.
- SOUZA, M. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 2. ed. Manaus: Valer, 2010.
- TOCANTINS, L. *Amazônia: natureza, homem e tempo – uma planificação ecológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1982.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.